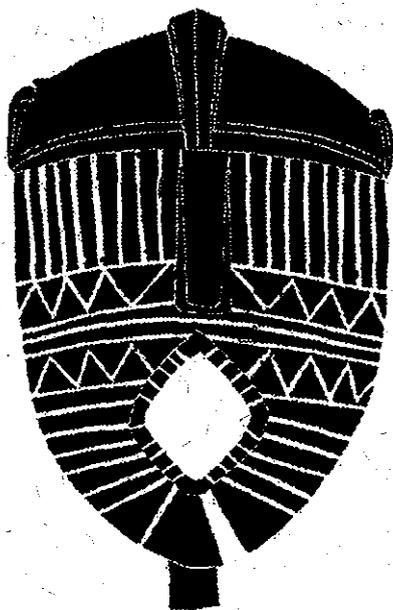


TEXTOS E DEBATES

**NUER - NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE IDENTIDADE
E RELAÇÕES INTERÉTNICAS**

Nº 5 - 1999

NEGRITUDE E AUTO-ESTIMA



**NUER / UFSC
FLORIANÓPOLIS - 1999**

**CADERNO TEXTOS E DEBATES
NÚMEROS ANTERIORES**

**Nº 1 - DESCENDENTES DE AFRICANOS EM SANTA CATARINA:
INVISIBILIDADE HISTÓRICA E SEGREGAÇÃO**

Nº 2 - TERRAS E TERRITÓRIOS DE NEGROS NO BRASIL

Nº 3 - IDENTIDADES ÉTNICAS NO SUL DO BRASIL

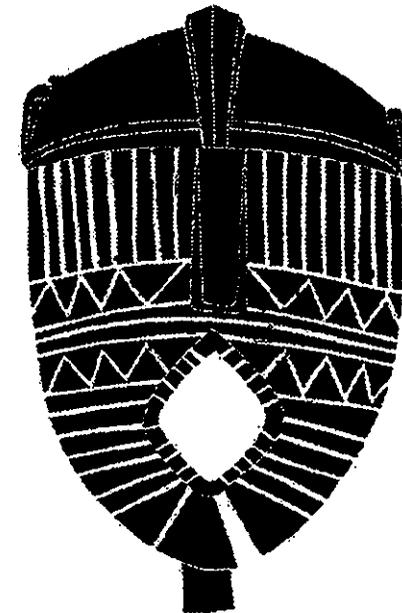
Nº 4 - LAUDOS PERICIAIS ANTROPOLÓGICOS

TEXTOS E DEBATES

**NUER - NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE IDENTIDADE
E RELAÇÕES INTERÉTNICAS**

Nº 5 - 1999

NEGRITUDE E AUTO-ESTIMA



**NUER / UFSC
FLORIANÓPOLIS - 1999**

Negritude e Auto-estima: esboço para uma abordagem dos afetos na forma do discurso

*Pedro de Souza**

Ante as injunções políticas e ideológicas de produção da diferença em contextos de relações multi-raciais ou culturais, vê-se a incidência recorrente de operações discursivas que constroem os segmentos minoritários a situar-se negativamente. Refiro-me a dispositivos de discurso no interior dos quais inconscientemente os sujeitos das minorias são constituídos reconhecendo em si e falando de si conforme os parâmetros de uma identidade separada. Tal estratégia traduz-se em consequentes modalidades minoritárias de enunciação. De Certau observa aí um ponto de emergência do que eu chamaria, nos termos de Authier-Revuz, heterogeneidades enunciativas características do campo discursivo das minorias.

* Pedro de Souza é da cidade de São Paulo. Está em Florianópolis há cinco anos. Depois de graduado em jornalismo pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, trabalhou como repórter especialmente voltado para a cobertura dos movimentos atuantes no final da década de 1970. Sempre teve interesse em investigar as relações possíveis entre linguagem, subjetividade e movimentos sociais. Deixou-se logo convencer pelas idéias de que mudanças coletivas passam por transformações em nível subjetivo. Por isso optou pelo mestrado em linguística na PUC de São Paulo, onde produziu uma dissertação sobre os aspectos lingüísticos e ideológicos dos discursos proferidos pelo então líder sindicalista Luís Inácio da Silva. Também em seu doutorado, cumprido na Universidade Estadual de Campinas, Souza prosseguiu investigando os funcionamentos entre linguagem e ativismo social, e, em 1993, defendeu a tese que originou este – *Confidências da Carne*. Atualmente é professor adjunto na Universidade Federal de Santa Catarina. Está muito interessado nas falas espontâneas que tornam visíveis a cidade de Florianópolis. Por isso mantém online o site <http://www.dic.cce.ufsc.br>.

“Uma autonomia cultural, social ou étnica, assinala De Certau, sempre se manifesta dizendo *não*: Não, diz o negro, não sou um americano. Não, diz o indiano, não sou um chileno ou um argentino. Não, diz o bretão, não sou um francês”.¹

Certamente, em dado momento, esta é a modalidade enunciativa possível de afirmação, quando a força de uma ordem discursiva dominante impede que grupos sociais ideologicamente constituídos enquanto identidades menores manifestem-se em discurso próprio. Nesta constatação reside um paradoxo. É que falar por si próprio exige uma inscrição num circuito de palavras alheias. Lembremos que, segundo a ótica francesa da análise do discurso, assim como não há discurso sem sujeito, não há sujeito sem discurso. Cabe citar aqui o que diz De Certau: “o sentimento de ser diferente está ligado à designação dessa diferença pelos outros...”²

Neste ponto é que quero introduzir a problemática deste trabalho. O referencial discursivo aqui em foco é o da afirmação do negro no Brasil. Após o período da escravatura, é possível mapear séries diversas de estratégias enunciativas pelas quais o negro diz não às designações que o lançam no limite das identidades excluídas. Este trabalho soma-se a outros em que venho investigando como se pode pontuar um movimento vertical de relações de sentido - o interdiscurso - em que o negro subjetiva-se ora negativa, ora afirmativamente. Em outros termos, trata-se de observar historicamente, como o processo de identificação do negro passa pela rejeição ou pelo não reconhecimento dos modos pelos quais o negro tem sido constituído respectivamente em posição exclusiva ou inclusa.

¹ CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. trad. de Enid Abreu Dobráznsky. Campinas, SP: Papirus, 1995. p. 145.

² Idem, p. 148.

Com a reflexão que aqui apresento, quero indicar um outro vetor enunciativo que aponta para a possibilidade de o negro afirmar-se identitariamente não mais assumindo a posição de negação que o constitui como diferente, mas situando-se positivamente em uma perspectiva de subjetivação. Desta, sua subjetividade toma forma material de existência no jogo auto-reflexivo de atos afetivos que acontecem como discurso. Minha hipótese é de que, no domínio das identidades excluídas, emerge o discurso da auto-estima não apenas como uma estratégia, entre outras, de reação contra a exclusão, mas como um movimento positivo de inclusão.

Nesta linha, pretendo ensaiar uma hipótese de análise pressupondo uma concepção de afeto que, em sua força negativa ou afirmativa, traduz-se em acontecimento discursivo. A base conceitual mínima da qual parto vem do pensamento espinoziano. No quadro desta filosofia, em um primeiro nível, as afecções expressam o próprio modo de existência da substância ou dos seus atributos; em um segundo nível, as afecções são efeitos de processos sucessivos de afetamento. Nesta medida, designam as transformações pelas quais passam o modo de ser da substância pela ação de outros modos sobre si.

É importante lembrar que filosoficamente o termo substância refere-se às propriedades materiais das coisas que existem. Pode-se dizer que é a isto que se refere quando em *Análise do Discurso*, alude-se à materialidade do discurso, ou seja, a dimensão substancial que compõe um corpo discursivo em termos reais e formais. Localizando materialmente o discurso, no interior deste quadro, adoto a definição de afeto como uma modalidade de acontecimento discursivo assinalável nos efeitos de sentido decorrentes do encontro entre duas ou várias enunciações. Se sentido e sujeito emergem simultaneamente enquanto discurso, daí decorre que os afetos designam os efeitos-sujeito resultantes de acontecimentos discursivos, ou seja, eventos cuja substância é de natureza discursiva.

Assim, tomando o fenômeno discursivo como uma categoria não palpável de substância. Pode-se daí levantar dois postulados: 1) os discursos se multiplicam na medida em que multiplicam seus modos de aparecimento; 2) as múltiplas formas de aparição do discurso constituem suas afecções, efeitos de relações entre vários efeitos de discursos. Arrisco ainda uma outra extensão conceitual. Ali onde Espinoza³ coloca “as afecções como potência de agir do e no corpo”,⁴ aplico o ato enunciativo com sua propriedade de agir produzindo sujeito. Tomo afecções e enunciações, neste caso, em um eixo metonímico, em que uma enunciação torna-se signo de uma afecção. Neste ponto de vista, os dois termos designam um acontecimento afetivo expresso em mesmo aporte substancial: a materialidade do discurso.

Para um desenvolvimento inicial dessa hipótese, esboço, a seguir, um trabalho analítico sobre duas cenas enunciativas. Elas aparecem inseridas em uma reportagem da revista *Raça Brasil*⁵, uma revista mensal dirigida aos negros brasileiros. A reportagem, escrita em tom didático, propõe aos leitores uma estratégia de combate ao preconceito mediante atitudes de elevação da auto-estima.

A concepção de auto-estima que permeia este texto, ao mesmo tempo didático e militante, apoia-se em uma proposta de intervenção psicológica junto a grupos de excluídos, notadamente junto aos negros, como alternativa de luta contra o racismo. Na mesma edição em que aparece a reportagem em análise, segue um texto informativo acerca do trabalho desenvolvido pelo Grupo Amma, iniciativa de

³ ESPINOSA, III, def. 3.

⁴ O termo corpo é aqui aplicado em termos bem generalizados, ou seja, refere-se tanto a corpo homem, como corpo-som ou voz, corpo-palavra, corpo-enunciado, corpo-enunciação.

⁵ MACARI, F. “Auto-estima. Encare sua negritude”. *RAÇA BRASIL* nº 13, setembro/1997, ano 2. Publicação mensal da Editora Símbolo Ltda. p. 44-48.

quatro psicólogas com o “objetivo de resgatar a auto-estima do indivíduo negro, despertando sua força e conscientizando-o de seu potencial”.⁶

O ponto de partida dessa intervenção psicológica é o pressuposto de que há no indivíduo negro uma identidade que se distorce no momento em que enfrenta episódios de racismo. Os sinais dessa distorção identitária são descritos pelas psicólogas que coordenam o trabalho do Amma, no quadro de um conjunto de sentimentos como “timidez excessiva, agressividade, sentimentos de inferioridade ou de baixa auto-estima”. Esse quadro demonstra o quanto o negro, vítima do racismo, pode ser emocionalmente afetado em sua identidade.

Não me interessa aqui deter-me sobre essa proposta terapêutica psicossocialmente orientada, nem tampouco ocupar-me de uma crítica interna ou externa a que certamente ela está exposta. Até aqui só emprego a palavra auto-estima em perspectiva exterior relativamente à que está referenciada na prática em foco. Mesmo porque, segundo a formulação que se lê na reportagem, o conceito de auto-estima está formalmente ligado à recuperação da identidade como uma realidade pré-existente e plena em si mesma. Contrariamente, adoto o ponto de vista de que auto-estima designa um processo ulterior de elaboração identitária em relação a um momento dado.

Minha idéia, ao mencionar a palavra no interior desta prática simultaneamente pedagógica e psicoterapêutica, é localizar um dos horizontes interdiscursivos em que funciona a noção de auto-estima e lançar aí a possibilidade de pensar esta noção enquanto prática discursiva. Ao proceder esse deslocamento, suponho po-

⁶ FAVARETTO, S.C. “Grupo Amma: luta contra o racismo”. *RAÇA BRASIL*, nº13, setembro/97, p. 132.

der abrir um espaço analítico em que os afetos podem ser abordados como um discurso. Nestes termos, passo a ocupar-me da auto-estima enquanto uma das formas discursivas de afeto, bem como dos dispositivos que atuam na base de sua constituição.

Retomo então as cenas enunciativas que me servem de base para propor alguns dos elementos constitutivos da auto-estima como modalidade discursiva de afeto. A primeira cena narrada na reportagem em foco é a seguinte:

“Dois jovens negros conversam animadamente num ponto de ônibus. Uma mulher branca se aproxima, mas pára longe ao avistá-los. Ela agarra a bolsa junto ao peito e mantém-se imóvel, com uma expressão de medo no rosto. Faz sinal para seu ônibus, mas está tão distante que o motorista não a vê. Depois de algum tempo, perde o segundo ônibus. Os rapazes percebem que ela está com medo deles e tomam uma atitude inesperada. Ao avistar uma viatura da polícia, acenam para que pare. Os policiais descem do carro e os dois jovens dizem: “Esta senhora deve estar com algum problema. Faz tempo que está parada ali, apavorada, e já perdeu dois ônibus”. Ela chega perto e se justifica: “Também, eu sozinha, vejo dois homens de cor no ponto! É pra ter medo...” . A polícia: “Mas eles fizeram alguma coisa?”. A mulher: “não, mas dois negões desses, eu, hein?”. Os rapazes retrucam: “Seu guarda, queremos registrar queixa contra essa senhora por prática de racismo”.

A segunda cena relatada na mesma matéria tem enunciativamente uma dimensão privada. Visa focalizar uma situação exemplar em que, por preconceito velado, brancos não podem expor em esfera familiar os relacionamentos afetivos que mantêm com negros. Tem a auto-estima como insígnia auto-referencial da superação do preconceito em outro.

Ele é só um amigo

“... Marcos César Troncoso, 24 anos, representante comercial, resolveu se amar primeiro, para poder amar aos outros: “Minha namorada sem-

pre evitou que eu conhecesse sua família. Um dia, já eram mais de 2 horas da madrugada e chovia muito, quando a deixei em casa. Seu pai, indignado, esperava plantado no portão. Assim que ela desceu do carro, ele já foi despejando que era muito tarde e perguntou agressivamente: ‘Quem é o negão?’. Minha garota olhou para mim fazendo sinais para eu ficar quieto e respondeu que eu era apenas um colega. Inconformado, pedi desculpas ao pai dela pelo horário e me apresentei: “Meu nome é Marcos César Troncoso, e não negão. E sou o namorado da sua filha. Ou melhor, ex-namorado. Boa noite.”

As atitudes relatadas em cada uma dessas cenas apresentam elementos que as inscrevem como um exemplo do que as psicólogas do Amma chamam prática de auto-estima positiva. Mas o episódio do ponto de ônibus é pedagogicamente exemplar do dispositivo da auto-estima sobretudo porque aí temos as funções emblemáticas que constituem, em um cenário urbano, as condições para que se tenha uma dinâmica afetiva pré-construída de relações, qual seja a da diversidade racial. A fala do racismo torna-se aí possível pelas posições do sujeito que afeta, a mulher branca; do sujeito afetado, os ‘rapazes negros, e da lei na figura da polícia, plano enunciativo no qual se estabelece a direção dos afetos ocorrentes em sua forma discursiva.

Centro minha análise sobre como afeta e se deixa afetar cada um dos protagonistas a partir da relação que entretém com sua fala em dado momento da cena. Para apontar o instante em que instaura no episódio um novo estatuto enunciativo, destaco as falas, segundo a sequência em que aparecem no texto da reportagem:

1. *Esta senhora deve estar com algum problema. Faz tempo que está parada ali, apavorada, e já perdeu dois ônibus - dizem os jovens negros à polícia.*
2. *Também, eu sozinha, vejo dois homens de cor no ponto! - justifica a mulher.*

3. *Mas eles fizeram alguma coisa? - pergunta a polícia.*
4. *Não, mas dois negões desses, eu, hein? - responde a mulher*
5. *Seu guarda, queremos registrar queixa contra essa senhora por prática de racismo - retrucam os rapazes.*

A iniciativa de abordar a polícia do modo como fazem os rapazes dizendo [1] aponta para o sinal de um primeiro afetamento como efeito da atitude da mulher ao esperar o ônibus. A justificativa da mulher em [2] emerge como o correlato discursivo do que afetou os jovens negros. Neste confronto de afetos, o enunciado da pergunta em [3] mostra que a polícia, em um primeiro momento, tem função interventora e mediadora.

Contudo, do lugar da mediação pontual, a polícia passa imediatamente à posição da lei, quando, ante a justificativa insistente da mulher, é evocada pela segunda vez pelos negros, que lhe demandam o registro de uma queixa. Ao dizer [5] - "*Seu guarda, queremos registrar queixa contra essa senhora por prática de racismo*" - tem-se aí uma formulação que modifica, em termos discursivos de afetamento, a relação de cada um dos protagonistas com sua fala.

6. *Quem é o negão?, pergunta o pai à namorada do rapaz.*
7. *Ele é apenas um colega, responde a namorada ao pai.⁷*
8. *Meu nome é Marcos César Troncoso, e não negão. E sou o namorado de sua filha. Ou melhor, ex-namorado. Boa noite. - retruca o rapaz negro dirigindo-se ao pai e à namorada.*

A direção unívoca da pergunta do pai, isolando um espaço de interlocução mostra o primeiro mecanismo pelo qual o rapaz é posto em plano exterior de fala.

⁷Para operatividade da análise, mantendo o paralelismo da citação dos enunciados ocorrentes na cena, converti esta fala da forma do discurso indireto para o discurso direto.

Mas o operador enunciativo mais incidente para as afecções aí observáveis é a forma de designar o referente da pergunta mediante o uso da palavra 'negão'. A palavra designadora do sujeito fora da cena aponta efetivamente o âmbito interdiscursivo da exclusão - o diferencial das relações entre brancos e negros. É a partir desse lugar que ambos, e cada um a seu modo, o negro e sua namorada branca, vão indicar discursivamente o afeto que o faz enunciar-se como sujeitos da cena.

A posição de sujeito dedutível da enunciação do rapaz não se contrapõe do mesmo modo à do pai e à da namorada. Os afetos desencadeados no mesmo lugar enunciativo excluído são diferentes.

Na relação entre o que é dito ao pai e o que é indiretamente dito à namorada, vê-se, de modo mais explícito como a afirmação subjetiva acontece respectivamente pelo corte pontual com a linha da exclusão e pela reconexão com fio discursivo condutor da inclusão. Ou seja, por um lado, se o sujeito que se enuncia na cena, ocupa o turno de fala dizendo *não* - "*meu nome é ... e não negão*" -, o faz para fazer valer o lugar de enunciação que positivamente lhe pertence - o do seu nome próprio.

Por outro lado, ao dizer "*e sou o..., ou melhor, ex-...*", o efeito-sujeito que se opera nesta enunciação indica o lugar de seu afetamento positivo, isto é, não só re-afirma a sua posição de negro naquele contexto de subjetivação, como aponta o lugar próprio de sua existência. Quando refere-se a si afirmando-se pelo nome próprio anulando o modo de designação identitária que o outro lhe outorga, este enunciador não pretende enunciar-se mais sujeito em uma formulação que outra. Deste modo, a auto-estima é uma forma de discurso que intervém apontando uma e uma só posição de auto-designação como condição de sua subjetividade.

As condições de produção do que estou chamando de discurso de auto-estima em contexto de exclusão impõe-se aqui como fator necessário para que a identidade negra se efetive com poder de afetar. No discurso da auto-estima o que está em jogo é o poder de se deixar afetar por si mesmo. Este poder depende do delineamento enunciativo que compõe uma formação imaginária, resultando em afeto positivo. No caso da auto-estima, depara-se com um dispositivo de afirmação desencadeado por uma operação reflexiva. Daí decorre um acontecimento discursivo que estabelece a relação do sujeito consigo mesmo no limiar de um lugar próprio e alheio de enunciação. Torna-se então possível o efeito de sentido expresso pela forma de designação de si. Esta pode ser negativa ou positiva. Nas circunstâncias em que a auto-referência é positiva, ou seja, concorre para a inclusão do sujeito no mesmo espaço enunciativo das identidades dominantes, tem-se atualizada a propriedade fundamental da auto-estima enquanto discurso: a reflexividade da fala de outro sobre si. Destaque-se aqui uma modalidade de subjetivação que consiste no ato de auto-referência ulterior no ponto em que se friccionam enunciados de referência a si e ao outro. Este ponto é o do significante da cor da pele como fator material de discursos de diferença. A partir dele falam negros e brancos de si e do outro.

O que se observa no afeto tomado como discurso, notadamente o que as psicologias com base no centramento do eu chama de auto-estima, é o encontro entre duas formas de referir a si em contexto de confrontação identitária. A primeira caracteriza-se pela exterioridade; o branco faz menção ao negro como algo diferente de si e vice-versa. A segunda forma enunciativa de referência a si acontece como um efeito de interioridade pela rejeição no outro daquilo que não é parte de si. Neste caso, por um ato reflexivo, expõe-se um jogo de afetos em que as falas rebatem-se mutuamente conformando a auto-estima como forma discursiva de afeto em que o sujeito afirma e sustenta reflexivamente sua identidade. Não se tem aqui um o recurso a um apoio secundário para a subjetividade ameaçada, pois,

conforme assinalado anteriormente, a auto-estima como forma discursiva de afeto é a condição *sine qua non* da afirmação da identidade.

Este ensaio de análise sugere que a passagem por esta forma afetiva de discurso pode determinar a irrupção de uma forma de subjetividade ali no mesmo espaço enunciativo em que só acontece como força excluída. O fenômeno é notável também nas modalidades midiáticas de enunciação dos sentimentos, inclusive as formas expressivas de fotogenia, que inscrevem o negro em um circuito discursivo, constituindo-o como objeto de amor próprio e de demanda diferencial de desejo.

A auto-estima, enquanto acontecimento discursivo, é um dos modos de ser contemporâneos da negritude que investe diferentes corpos para além da cor da pele. Isto porque trata-se, sob a ótica do discurso, de efeitos de sentido que escapam do aleatório. Resíduos de fricções entre redes de significação, tais efeitos de sentido abrem-se para alojar maneiras de auto-referir-se no terreno das identidades múltiplas.

O que acabo de esboçar é um percurso de análise que permite definir o afeto como modo pelo qual um acontecimento discursivo ganha ou perde força em termos de historicidade. Em síntese, o afeto designa uma dispersão de discursos ou de efeitos de sentido que busca afirmar sua força em um campo de múltiplas possibilidades de significação.

Por este viés, o afeto supõe-se derivado de uma formação imaginária nos termos definidos por Pêcheux. Isto não quer dizer, porém, que seja redutível às formações imaginárias que operam sua emergência. O negro pode se imaginar na maneira com que o branco fala dele a partir do referencial pré-construído do racismo, mas, em contrapartida, reflexivamente, ao mesmo tempo em que se percebe identificando-se a partir do outro, pode deslocar seu processo de identificação.

É possível dizer que a auto-estima torna-se assim um gênero de acontecimento discursivo no interior do qual o negro depara-se com sua imagem refletida no espelho dos afetos, suporte enunciativo por onde fala sua verdadeira identidade. A auto-estima, como uma dentre as possibilidades de movimentação afetiva, define-se como discurso na medida em que dá passagem às palavras da identidade positiva.

Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. "Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)". In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: Iel-Unicamp, jul./dez. 1990, pp. 25-42.

CERTAU, Michel de. *A cultura no plural*. tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1995.

FAVARETTO, S. C., "Grupo Amma: luta contra o racismo". In: *RAÇA BRASIL*, nº 13, setembro/97, ano 2. Publicação mensal da Editora Símbolo Ltda. p.132.

MACARI, F. "Auto-estima. Encare sua negritude". in: *RAÇA BRASIL* nº 13, setembro/1997, ano 2. Publicação mensal da Editora Símbolo Ltda. p.44-48.